



corporATIVISMO

bodyACTIVISM

Linn da Quebrada¹

Recebido em: 19 de outubro de 2020.

Aprovado em: 21 de dezembro de 2020.

 <https://doi.org/10.46401/ardh.2021.v13.12359>

RESUMO: A convite da editoria de *albuquerque: revista de história* Linn da Quebrada compôs um ensaio sobre corpo e gênero. Neste trabalho, Linn em um giro poético capta questões sobre cisgeneridade e ativismo centrada na crítica à binaridade.

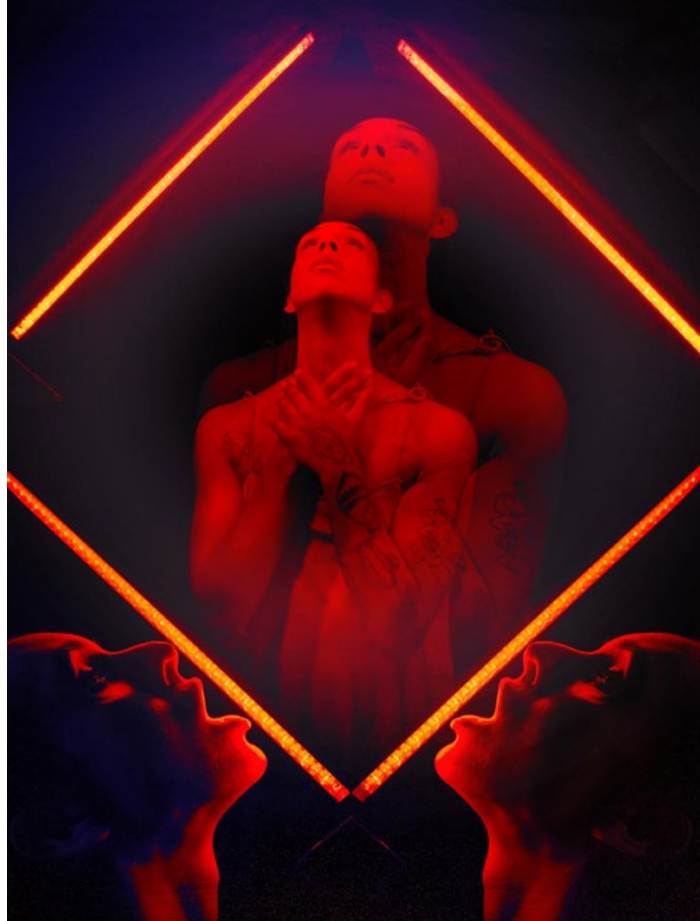
ABSTRACT: At the invitation of the editors of *albuquerque: journal of history* Linn da Quebrada composed an essay on body and gender. In this work, Linn in a poetic turn captures questions about cisgenerity and activism centered on criticism of binarity.

Palavras-chave: ativismo, queer, crítica, corpo.

Keywords: activism, queer, criticism, body.

¹ Cantora brasileira, que é também atriz, roteirista e apresentadora, rodou o Brasil e o mundo com seus *shows* potentes e dançantes. Médica e monstra de si mesma, a artista faz uma investigação sobre sua própria corporalidade e potências narrativas, a partir de performances ora inspiradas em seu repertório. Linn da Quebrada tem se destacado na cena brasileira de música eletrônica e experimental a partir de uma mistura musical indecifrável. Feita de pop, funk, global gueto e muito mais, essa experimentação sonora também alavancou sua presença em outros países. Site: <https://www.linndaquebrada.com/>. E-mail: contato@linndaquebrada.com

Foto: Gabriel Renné (@gabrielrenne).



Fonte: divulgação.

no centro de tudo, ou quase tudo, o corpo,

um enigma. um
mistério. uma situação.

e/ou

um cruzamento de marcas e marcadores, uma encruzilhada de dúvidas e dívidas que percorrem nossas veias e nosso sistema circulatório, econômico e afetivo?

há muito tempo me vejo confrontando esse tema. e também esse sistema. esse sistema cisheteronormativo, dentre todas as suas especulações imobiliárias e imobilizantes. de agora e desde muito antes.

diante disso, me vejo mais do que impelida a falar desse tema tão falado. e tantas vezes mal falado.

o corpo.

nesse caso, o meu.

que entre acasos e ocasos me trouxeram até mim.

enfim. falar do meu corpo é falar da trama e da rede emaranhada de tesão e tensão que

opera entre nós.

já falar de ativismo é no mínimo curioso, complexo e contraditório.

acredito que toda arte e cada gesto, cada gasto, que fazemos e ecoamos com nosso corpo, por si só e em conjunto, seja no mínimo político. ou patético. ou ambos. e por isso exige e denota um tanto quanto de responsabilidade. ativismo não é uma ação individual e isolada, é uma relação. um compromisso coletivo.

outro aspecto importante de ser trazido à tona aqui é que quando falo de arte quero evocar o nosso imaginário à perspectiva de que ser artista não significa, necessariamente, estar ou star na frente das câmeras, sob os holofotes, em cima de um palco ou segurando um microfone. ser artista pra mim não é ter a passabilidade do mercado, mas sim, ter a possibilidade de criar sobre a própria existência.

principalmente quando falamos de um status quo onde sobreviver aos mecanismos cotidianos que nos querem mortas, dóceis e obedientes, já é a mais sofisticada e cara obra de arte.

o corpo é um risco.

é ao mesmo tempo pergunta e resposta.

não venho da academia. de nenhuma delas.

mas passeio por entre seus pensamentos pra formar e deformar os meus.

ambas as academias constroem e formam corpos e pensamentos sociais e coletivos. imaginários. nem sempre imaginantes. mas essas são apenas algumas das tantas ferramentas de formatação das corporalidades presentes e ancestrais. ferramentas de construção de memórias.

toda minha produção de saberes se dá pelas minhas experiências. sabores empíricos advindos de uma trajetória em movimento e inacabada.

fragmentos de. televisores, revistas, novelas, músicas, videogames, pornografias & também cartografias de afeto.

em cada célula viva há uma válvula de escape sem saída de emergência. que urge.

o corpo é um ponto de partida & não meu objetivo final. às vezes, objeto e noutras tantas, abjeto. então lhes pergunto, se dois corpos não podem ocupar o mesmo espaço, é possível que um corpo ocupe dois espaços, duas posições, ao mesmo tempo?

o corpo não tem finalidade.

é linguagem. a minha é o pajubá, um trava línguas. babylônia, em sua menor grandeza. um

corpo em trânsito intransitivo direto e indiretamente. é um processo.

meu corpo se debate desesperada, cotidiana e ordinariamente para salvar sua própria vida. e se ativismo é compromisso, esse é o meu. mas eu não acredito em salvação. tbm não tenho compromisso algum com a manutenção da realidade e suas instituições.

ao mesmo tempo que noto a importância de nossos corpos ocuparem lugares de referência, de representação & apresentação, - principalmente em espaços que até então nunca estivemos, "donas" de nossa própria narrativa - deslocando e construindo outras redes de imaginário coletivo; percebo também quanto o mercado, na tentativa de nos capturar, controlar e prever nossos movimentos, nos posiciona de forma calculista & estratégica. artistas. um espaço especial para nossas manifestações artísticas e/ou políticas. conduzindo e orientando também o olhar & corpo do público para que se relacione com o que estamos produzindo dessa mesma forma. formatando assim nossa relação.

já nas minhas primeiras performances entendi que, quando vemos algo e já sabemos, ou imaginamos que sabemos o que é, tratamos esse material da maneira que imaginamos que deve ser tratado; nos moldes e molduras que fomos ensinadas. nos mínimos gestos, gostos & gastos que apreendemos. já quando não sabemos, há um estranhamento, que nos mantém conectadas com a obra até entender, ou não, do que se trata aquilo. é nesse tempo que se constrói a relação. nesse entre. como um convite a conhecer, dividido entre todas as partes que ativam a obra: quem propõe & produz, assim como quem consome. durante o tempo em que a obra estiver sendo proposta, onde a cada nova apresentação uma nova relação se efetiva. nada é dado. tudo se constrói na experiência. primeiro se vive & durante o processo se compreende o que está sendo feito. pelo menos comigo foi assim.

o ativismo não nasce, pelo menos em mim & comigo, como objetivo ou finalidade. nem ao menos fui eu quem me disse artista pela primeira vez. mas é bem provável que em alguns momentos eu tenha me reconhecido e, vez ou outra, ainda me reconheça como tal. ou pelo menos entenda o porquê muitas veem meu trabalho assim. como eu mesma já enunciei algumas vezes: eu não canto para ser cantora. eu canto para ser ouvida.

para salvar minha própria vida & tornar minha existência possível.

porém, quando eu me desloco, esse movimento é também coletivo. nem sempre. pelo menos não na mesma proporção ou velocidade. e assim, de alguma maneira, nos tornamos a diferença na repetição. mas que precisa que a repetição aconteça para que possa se fazer diferente. de um mesmo jeito. ou não.

nesse mercado iconoclasta, branco, cisgênero, estreito. straight.

que busca incessantemente representar a si mesmo. apegado ao próprio reflexo no espelho, narcisista, violento, calculista e destrutivo; quando esse mercado nos lê e nos

orienta social e coletivamente como artistas, percebo como isso pode soar também perigoso, pois então somos lidas e lidam com nosso trabalho e atuação dessa forma: definida. com fim e finalidade específica.

com espaço e também campo de acesso delimitados. previsíveis. com fronteiras invisíveis porém muito materiais, concretas e virtuais. onde circundam os efeitos e afetos do nosso trabalho. e assim ocorre também uma institucionalização do ativismo. como se ser artista em alguma medida, passe a ser também uma categoria mercadológica que nos garanta algum acesso e consumo entre essas prateleiras & vitrines, saldões, varejos; atacadas. porém o que na maioria das vezes é consumido e esvaziado, esgotado, somos nós mesmas.

é nesse mesmo movimento, não instantaneamente, mas no seu desenvolvimento que, possivelmente, somos reconhecidas & capturadas. e assim, circulamos. corremos incansavelmente atrás dos nossos próprios rabos. nos tornando quase que invariavelmente, corpos-mercadoria. mas não só. sob as leis de oferta e demanda, piratas e clandestinas nesse mercado negro. porém branco.

com tudo isso, onde quero chegar? exatamente onde estou. no cruzamento de todos esses marcadores e mercados sociais. o corpo objeto abjeto sujeito predicado substantivo indeterminado que cambia, circula e transita dentre todas essas situações e negociações. e que tem entendido que, se ativismo for tudo isso & mais um pouco, sendo também o ato de se manter consciente de seu fazer artístico, comprometendo-se com o presente & engajado no combate às opressões para conseguir realizar-se, então sim, eu também sou artista. mas esse é o caminho que temos traçado como estratégia para inserir nossa obra e dialogar com nosso tempo. em espiral. dentro e fora das nossas possibilidades, com nossas necessidades e desejos. como canal. que nos conecta & nos leva além de nós. desatando.

nós quem?

eu & vcs. que silenciosas e paulatinamente, sem nem mesmo saber, selamos o contrato de, dia a dia, consciente ou inconscientemente construir aquilo que chamamos e evocamos como cultura. naquilo que cultivamos e cultuamos, e assim edificamos enquanto povo e nação. onde nem tudo que vende, vem de mim ou vende nós.

mas pulsa. sangra. vive. & morre.

como tem de ser. ou não.

Agradecimentos

Os editores e as organizadoras do dossiê agradecem à Izabela Raphael Costa pela mediação e assessoria entre a revista e Linn da Quebrada para que este ensaio fosse possível.